

## Diogo Pacheco



Por **WALNICE NOGUEIRA GALVÃO\***

*Comentários sobre um dos mais importantes regentes do Brasil*

Na madrugada do dia 17 de agosto de 2022 se foi nosso querido maestro, aos 96 anos bem vividos, marcados por extraordinária dedicação à sua arte. E ao fomento da cultura musical, a contracorrente de um retrocesso planetário.

Muita gente acostumou-se a seus programas de rádio e TV por décadas a fio, divulgando música clássica para as massas, com doutos comentários. Atuou na *Globo*, *Eldorado*, *Cultura*, e nesta última até quase o ano de sua morte. A par com a carreira de maestro de casaca e batuta, foi crítico militante de jornal.

Aluno de Hans-Joachim Koellreuter e discípulo de Eleazar de Carvalho, este, ante a vocação e os talentos do jovem, tomou-o sob suas asas. Fez dele seu assistente na Orquestra Sinfônica Brasileira e cuidou de sua formação, com bolsas no exterior.

O jovem maestro, que tinha um traço saliente de humor e molecagem, distinguiu-se pela valorização das vanguardas e pela experimentação que o aproximou do popular. Interessou-se pela poesia concreta e fez recitais misturando-a à música. Isso nos anos 1960, quando tudo era possível. Sempre irreverente, mas profissionalmente seríssimo, criou, com Paulo Herculano, Samuel Kerr e Henrique Gregori, todos eles regentes e instrumentistas profissionais, eruditos de alto bordo, o quarteto vocal *Mestres Cantores*, que se apresentava com sobrepelizes de alva renda, em camuflagem de coroinha.

O experimento que mais celeuma originou, pela inusitada combinação, foi a escalção de Elizeth Cardoso, que sobressaía entre as cantoras populares, como solista nas *Bachianas n.º 5*. Abalando as convenções, ela soltou a poderosa voz no espaço nobre do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e no de São Paulo.

Depois nosso maestro faria *Alaíde Alaúde*, com Alaíde Costa e seu timbre incomum, capaz de cromatismos incríveis, rivalizando com cantoras de jazz como Sarah Vaughn e outras. Ela brilhou num recital de melodias medievais e renascentistas, no Theatro Municipal de São Paulo.

Se selecionava cantoras populares para solfejar música erudita, Diogo Pacheco podia reverter o processo, convocando artistas do bel canto para interpretar números pop, que ouvíamos habitualmente entoados por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa. O espetáculo no Teatro Maria Della Costa chamou-se *A Jovem Guarda em estilo clássico*. Orquestra de câmara e cravo no palco, Zwinglio Faustini e seu belo *basso profundo*, Eládio González, Stella Maria: o resultado foi extravagante e divertido. Aqueles homens sisudos, de traje a rigor, em poses de cantor de ópera, escandindo com a voz potente e educada frivolidades como “Ei Ei/ que onda/ que festa de arromba...” – e por aí afora... É de lamentar que de nada disso restem gravações, por penúria do maestro e desinteresse das empresas.

Outra iniciativa pouco ortodoxa deu-se no João Sebastião Bar, boate de Paulo Cotrim em pleno coração da concentração

# a terra é redonda

estudantil, na esquina da rua Major Sertório com a Maria Antônia em que ficava a Faculdade de Filosofia. Patrocinada por intelectuais e artistas, a casa tornou-se um sucesso. Ali pontificaram como atrações fixas a cantora Claudete Soares e o pianista Pedrinho Mattar, este um grande nome do jazz, de prestígio internacional, que tocou até na Casa Branca.

Nosso maestro encarregou-se da programação de música erudita do simpático endereço, decisivo na difusão da Bossa Nova em São Paulo, de que se tornou uma espécie de embaixada. Também encenava shows “de bolso” interessantes e variados. Num desfile ininterrupto de atrações, passaram por lá de Tom Jobim a Elis Regina, do Tamba Trio a Geraldo Vandré.

Em seu afã de levar a música clássica a audiências mais amplas, Diogo Pacheco compôs inúmeras trilhas sonoras de montagens teatrais e cinematográficas. Seu trabalho para o filme *Veredas da salvação*, dirigido por Anselmo Duarte em adaptação de peça de Jorge Andrade, ganhou o prêmio Governador do Estado, o maior do país. Era requestado pelos mais influentes diretores do palco, em peças relevantes.

Quem teve a sorte de ter contato com a brilhante carreira e feitos inolvidáveis do maestro, pode contar, sorte redobrada, com a biografia *Diogo Pacheco, um maestro para todos*, de Alfredo Sternheim.

**\*Walnice Nogueira Galvão** é Professora Emérita da FFLCH da USP. Autora, entre outros livros, de *Lendo e relendo* (Sesc\Ouro sobre Azul).

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.  
Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**